

Teresa Rita Lopes

TEATRO I

RIMANCE
DA MAL - MARIDADA
SOPINHAS DE MEL

De Viva Voz

Copyright - Teresa Rita Lopes
Concepção Gráfica - Joaquim de Carvalho
Impressão - Gráfica Povoense - Póvoa de Stª Iria
Depósito Legal nº77516
500 Exemplares
Abril de 1994

Teresa Rita Lopes

Pereira, António Caldeira
Ribeiro

RIMANCE DA MAL MARIDADA

TEATRO

debutado este dia

14/3/95

01616



com a estreia
apresentada

De Viva Voz

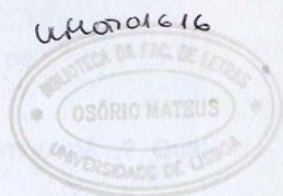
14/3/95

de
janeiro

Teresa Rita Lopes

SOPINHAS DE MEL

TEATRO



De Viva Voz

Palco absolutamente vazio. Apenas uma cortina de fundo. Entra um homem a fugir, com uma mala. Olha em redor, volta as costas ao público, e tenta escondê-la atrás do pano de fundo. Depois vai para sair, olhando sempre, medrosamente, à volta. É detido por uma mulher, que entra, estabanada, com duas malas e uma sombrinha.

ELA

Por favor cavalheiro, ajude-me a encontrar um táxi! (Senta-se em cima das próprias malas, dramatizando um enorme cansaço, e abana-se com as mãos) Que calor, meu Deus, meu Deus! (Receoso de que a mala não esteja bem escondida, Ele vai compor melhor a cortina) Não acha que está um calor de morrer? (Olha para ele, e fica um momento, espantada, a seguir-lhe os movimentos) Que está a fazer? Que é isso?

ELE

(Voltando-se rápido, empurrando a mala para trás com o pé) Nada... Não é nada... Não estou a fazer nada...

ELA

Mas empurrou qualquer coisa com o pé...

ELE

(Muito direito, olhando os pés) Com o pé...? Qual deles?

ELA

(Vai junto dele, toca-lhe num dos pés com a sombrinha) Com este. Empurrou... isto! (Curiosa tenta apalpar o vulto da mala. Ele defende-a com o corpo)

ELE

Não! Não! Deixe! Não é nada!

Permanecem assim algum tempo, ela tentando destapar a mala ou tocá-la e ele trocando-lhe as voltas, interpondo-se de braços abertos. Ela consegue agarrar a esquina da mala e destapá-la.

ELA

Uma mala! É uma mala! *(Reprobativamente, como quem interroga uma criança)* Porque queria esconder essa mala? Porque me queria esconder a sua mala?

ELE

A minha mala...? Mas não é a minha mala! Não é minha!

ELA

Não é sua? Então de quem é?

ELE

Talvez... alguém a tivesse perdido.

ELA

(Irónica) Da algibeira, não? *(Apercebendo um táxi - que virá do lado do público - vai fazer-lhe sinais desesperados, voltada para o público. O caminho do táxi será no sentido do fundo da sala para o fundo do palco. Pode ser dado por um passar de faróis)* Táxi! Táxi! *(Volta a sentar-se nas malas, com ar sempre dramaticamente exausto)* Súcia! Cambada! E ia vazio...! Mas à hora do jantar é sempre assim! *(Enfurece-se)* Também eu ainda não jantei! Há dois, três, quatro dias que não janto! *(Choraminga)* Oh! Maldita viagem! Se lhe vejo o fim... *(Volta-se rápida para Ele, que tenta esgueirar-se, sem ser visto. Sempre o mesmo tom reprovativo de mestre-escola)* Onde vai?...

ELE

(Atrapalhado, desculpando-se) Jantar...

ELA

Ainda não jantou?

ELE

Claro que não. São horas! (*Vai para sair. Ela segura-o*)

ELA

Não... espere! Mas, essa mala? (*Num gesto rápido põe a mala a descoberto*) Não é sua, deveras?

ELE

Que ideia! Uma mala destas... (*Faz um esgar de desdém, mas tenta, de novo, encobri-la com o corpo*)

ELA

(*Espreitando por entre os braços e as pernas dele*) Mas é uma boa mala... Deixe ver... Não tem tabuleta?

ELE

(*Rápido, sem olhar*) Não, não!

ELA

Como sabe...? Nem olhou...

ELE

Já a conheço há tempos...

ELA

Há tempos...? Então sabe de quem é!

ELE

Mas conheço-a mal, de vista... Quando passo por aqui.

ELA

Mas essa mala está sempre aí?

ELE

É... Já há tempos... Todas as manhãs a vejo...

ELA

Mas para que serve?

ELE

Talvez faça parte da via pública ...

ELA

Uma mala não é um candeeiro... (*Levanta-se, entre-
vendo ao longe outro táxi. Esganiça-se*) Táxi! Táxi!
(*Para ele*) Ajude-me!

ELE

(*Correndo atrás do táxi*) Táxi! Espere! Leve-a!
Leve-a ! Táxi...

Ficam ambos a vê-lo desaparecer ao longe.

ELA

Que vai ser de mim...? Oh! Que gente! Que terra! Que
horas serão?

ELE

(*Olha em volta*) Sete... oito... nove. Horas de jantar.
(*Precipita-se para a saída*) Vou jantar.

ELA

Não! (*Agarra-o, puxa-o como se içasse um barco para
terra. Implorante*) Não... Peço-lhe, suplico-lhe... Se tem
uma migalha de coração... Não me deixe só... (*Ar
melodramático de mistério*) Se soubesse... Ah! Se
soubesse... (*Vislumbrando um táxi*) Aquele! Oh!
Aquele! Corra!

ELE

Táxi! Táxi !

ELA

Páre! Páre!

ELE

(*Correndo atrás*) Tenha coração!! (*Berra-lhe, parando*)
Coração!!! (*Volta para ela*) Não tem. Ninguém tem
coração!

ELA

(*Dengosa*) E o Senhor...?

ELE

(*Encolhendo os ombros*) Nunca experimentei.

ELA

(*Mesmo tom*) Deveras?

ELE

Nunca dei por ele... Não me doi nem me dá comichão.

ELA

Não bate...? Deixe ver. (*Vai pôr-lhe a mão no peito, debaixo do casaco, apesar de ele se tentar furtar*) Como bate! Parece um martelo.

ELE

Se calhar é.

ELA

Não, não... Parece um cavalo... É mais poético... Um cavalo selvagem... Que saltos, meu Deus! Olha, agora já está mais mansinho, já vem comer à mão...

ELE

(*Tentando libertar-se dela*) Deixe. Deixe! Faz-me nervoso preocupar-me com o que tenho por dentro. (*Ela tira a mão, que vem tinta de sangue, abre a boca e esgazeia os olhos. Ele continua a falar, sem dar por isso*) Quando eu era criança desconfiaram que eu tinha uma bicha solitária. Era mentira. Mas inda às vezes a sinto a enroscar-se e a desenroscar-se.

ELA

(*Solta finalmente um grito histérico olhando sempre a mão*) Sangue! Sangue! (*Levanta-se*) Socorro! Socorro!

ELE

(*Seguindo-a, pondo-lhe a mão na boca*) Cale-se! Sossegue!

ELA

(*Gritando sempre*) Sangue! Sangue!

ELE

Cale-se! Não grite! Não é nada!

ELA

(Parando) Não é nada...? Mas está cheio de sangue!

ELE

Cale-se, não é nada! Cortei-me... a fazer a barba...

ELA

Pensei-o morto, moribundo, assassinado. Sei lá! Sabe, tenho horror aos crimes ao natural! (Reconsiderando) A fazer a barba...? Mas é no peito que o senhor tem sangue... (Prepara-se para gritar, de novo)

ELE

(Pondo-lhe a mão na boca) Cale-se! Não! Não! (Abotoa o casaco) Isto é... não é no peito... É... no sovaco. (Rápido) É que me cortei e sujei o pincel com sangue... E como ponho o pincel debaixo do braço (mima) enquanto passo a navalha...

ELA

(Pondo a mão no coração) Uf! Não ganhei para o susto... (Vai sentar-se de novo nas malas) Que horas serão?

ELE

Horas de jantar. (Tenta de novo escapar-se) Vou jantar.

ELA

(Levanta-se num salto e vai de novo catrafilá-lo) Não! Peço-lhe, não!

ELE

Tenho que ir.

ELA

Porquê ?

ELE

Esperam-me.

ELA

Quem?

ELE

A mulher, os filhos, os netos, o cão... Tenho que ir!
(*Solta-se e distraidamente pega na mala, a dele, para sair. Dá-se logo conta do engano e larga-a, rápido*)

ELA

Ah! A mala! Afinal é sua!

ELE

Não, que ideia! Foi sem querer... Distração...

ELA

(*Convincente, agarrando-o sempre*) Mas se também tem uma mala podíamos alugar um táxi juntos! Para onde vai?

ELE

Pró lado oposto. E não tenho mala. Não tenho mala nenhuma!

ELA

Mas a mala há-de ter dono... É pesada? Deixe ver
(*Sopessa-a, mas ele empurra-a*)

ELE

Deixe! Não mexa... Deve ser proibido.

ELA

Porquê?

ELE

Deve ser das obras, acolá, de meter ferramentas.